

## Conversando com os Movimentos do Grande Jangurussu SR VI – Fortaleza

13/04/14 – Domingo

Saída às 8.30h do Centro de Eventos. Ponto de encontro - Tenda Paulo Freire Retorno 12.00h

**Movimento de Saúde em Rede do Conjunto Palmeiras e adjacências- ASMOCONP e Banco Palmas** O Conjunto Palmeiras recentemente tornou-se oficialmente um bairro, consolidando toda uma história de lutas e conquistas. Porém, devemos considerá-lo no contexto do complexo do grande Jangurussu, micro-região que engloba vários bairros e agrega diversas iniciativas e movimentos sociais organizados e articulados pela Rede de Articulação do Jangurussu e Ancuri – REAJAN. Os movimentos de saúde popular que tem o Grande Jangurussu como cenário têm um ponto de partida na década de 70 nas lutas que surgem principalmente no contexto do surgimento do Conjunto Palmeiras como grande assentamento urbano resultante do remanejamento de populações residentes em áreas de risco – principalmente retiradas de áreas com grande potencial econômico e especulativo. Ao todo, foram removidas mil e quinhentas famílias provenientes de vários bairros.

*Tiraram os pobres do Arraial Moura Brasil, Lagamar, Poço da Draga.*

*Tiraram o povo mais pobre pra cá, do Lagamar, das praias.*

*A Nobreza jogou os pobres da beira da praia, para o carnaubal.*

*Chegando lá, não tinha água, luz e nem transporte para andar.*

*Uniram-se, então, os valentes; vieram mulheres gestantes e crianças para os direitos conquistar.*

Os movimentos surgiram da necessidade de enfrentar os desafios gerados pelas condições sociais, econômica e a das migrações, articulada as CEBs, (Comunidade Eclesiais de Base). Não havia água, saneamento, energia elétrica, meios de transporte ou qualquer outro tipo de serviço público. Em 1974, começaram a chegar os primeiros moradores e foram construindo seus barracos ou mesmo se abrigando em lonas. Aí foram fazendo galpões onde moravam até oito famílias. Não existia nenhuma rede de saneamento básico, água tratada, energia elétrica, escola ou qualquer outro serviço público. As mulheres limpavam os terrenos. A mortalidade era grande. Quem adoecia era levado em padiolas ou em carroças para o hospital. A maioria das pessoas era analfabeta e estava desempregada, sobrevivendo de pequenos bicos.

A partir de 1977 várias mobilizações acontecem na luta pela melhoria da saúde, por água tratada e energia elétrica, e já na década de 80 surge a Associação dos Moradores do Conjunto Palmeira/ASMOCONP. Este movimento concretizou a construção, em mutirão, de um canal de drenagem por onde as águas de inundação passariam com o apoio de organismos internacionais em parceria com a prefeitura e o governo do Estado. A mobilização continuou a crescer, em 1990, vinte e seis organizações populares já existiam no bairro, demonstrando o grande nível de participação popular do bairro que em 1991 constituíram um pacto social entre todas as organizações populares do bairro para juntas, definitivamente, tornarem o Palmeiras possível de se viver com dignidade. Vários instrumentos foram criados e utilizados pela comunidade para espalhar a mensagem de uma maneira efetiva e participativa como: o Jornal comunitário “Desperta Palmeiras”, os programas da rádio Santo Dias, as diversas manifestações teatrais, as cartilhas informativas e as publicações “Memórias de Nossa Luta” dentre várias outras, sempre utilizando uma mensagem simples de morador para morador. Da necessidade de enfrentar o desemprego e lutar pela criação de oportunidades de geração de trabalho e renda para os moradores, surge no contexto da ASMOCONP, o **Banco Palmas**, criado em 1998 como uma ferramenta popular de financiamento sob os princípios e valores da economia solidária que posteriormente cria a moeda social denominada “Palmas” que passa a circular no comércio local. A experiência do Banco Palmas, hoje transformado em Instituto Palmas de Desenvolvimento e Socioeconômica Solidária se espalhou por vários municípios do Ceará e de outros estados do Brasil se constituindo uma referência internacional. Maiores informações: [www.bancopalmas.org.br](http://www.bancopalmas.org.br).

A Associação Mulheres em Movimento – AMEM tem uma trajetória de 17 anos de trabalho. Surgiu em 1997 a partir de encontros com as mulheres da Área Pastoral do Conjunto Palmeiras e vem organizando e mobilizando mulheres que habitam principalmente esta região e adjacências. O movimento “surgiu com o propósito de organizar as mulheres na luta por seus direitos e conquista de sua cidadania, e promover o resgate de sua dignidade e ampliação dos espaços de participação das mulheres na sociedade. Nesse sentido tem desenvolvido um conjunto de ações que vão das práticas populares de cuidado, à formação e reflexão acerca da violência, participação e saúde, além de ações no campo da economia solidária e da espiritualidade. Com uma caminhada entrelaçada aos movimentos das pastorais e movimentos sociais, tem apostado na formação de novas lideranças, no envolvimento em processos de formação no campo da Saúde especialmente articulada às práticas de cuidado e sempre com a referencia da educação popular.

Entre as formações nas quais protagonizou ou se envolveu estão: massoterapia, terapia comunitária, terapia da autoestima, reiki, radiestesia, fitoterapia, reflexologia, argiloterapia, Cromoterapia, cura através das experiências das rezadeiras, mães de santo entre outras. Desde 2003 está articulada à ANEPS e suas militantes são protagonistas na atuação do Espaço Ekobé resgatando e valorizando a metodologia de trocas de convivências. Atualmente é um dos movimentos que ajuda a conduzir as práticas de cuidado realizadas na Oca Comunitária do São Cristovão, situada nas adjacências do Palmeiras onde se faz o dialogo destas práticas com a Estratégia Saúde da Família.